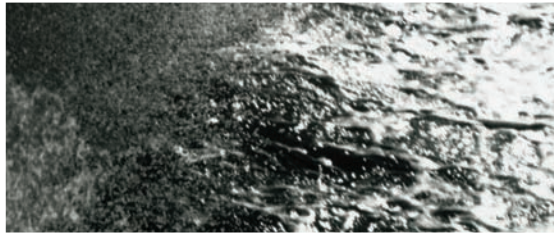
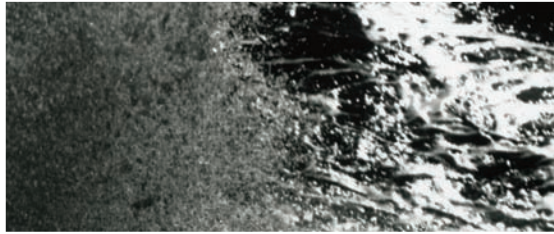
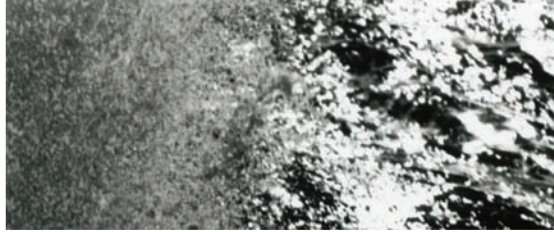


Sousa Dias

O QUE É POESIA?


Grácio Editor



Sousa Dias

O QUE É POESIA?



Grácio Editor

Título
O que é poesia?

Autor
Sousa Dias

Fotografia da capa
Ricardo Grácio

Coordenação Editorial
Rui Alexandre Grácio

Design gráfico e paginação
Grácio Editor

2ª edição: Outubro de 2011 (formato electrónico)

ISBN: 978-989-8377-19-7

© Grácio Editor
Avenida Emídio Navarro, 93, 2.º, Sala E
3000-151 COIMBRA
Telef.: 239 091 658
e-mail: editor@ruigracio.com
sítio: www.ruigracio.com

Reservados todos os direitos

ao Manuel António Pina

POESIA, ARTE BILINGUE

Um poema é sempre mais do que um poema: é uma poética, uma ideia de arte poética. Cada poema é já um conceito do poético, já uma resposta à questão: o que é a poesia? Não há como os poetas para nos dizer o que poesia quer dizer, mas é nos próprios poemas — na noção implícita de poema, ou eventualmente explícita em termos ainda assim (meta)poéticos — que se encontra o pensamento estético dos poetas. É com efeito frequente os poemas de um poeta serem tudo o que ele pensa, tudo o que ele escreve, «sobre» poesia. «Pergunto como se escreve o poema? E a resposta possível / é escrever o poema» (Nuno Júdice, *O estado dos campos*). Sucede no entanto um grande poeta escrever textos de teoria ou de crítica literária que de certo modo fazem parte da sua obra poética, na medida em que constituem a auto-expressão teórica dessa obra, ou a sua passagem para um plano de doutrina estética. É o caso entre nós, de todos o mais conhecido, de Fernando Pessoa. Mas é também o caso, por exemplo, de Ruy Belo.

Ruy Belo é um dos máximos autores da moderna poesia portuguesa. Fez do poema longo (e em simultâneo do verso longo) a sua especialidade, a sua maneira de, reinventando essa modalidade ou «respiração», definir para a poesia uma nova possibilidade. E fê-lo através de uma singular escrita

poética caracterizada pela sua construção quase narrativa e «cinematográfica», isto é, pela sua sustentação ou suspensão nesse «quase» e pela absoluta visualidade, pela pura matéria visual (fluxo imagístico) dessa quase-narratividade¹. De facto a poesia de Ruy Belo — ou a poesia segundo Ruy Belo — é visão, uma outra forma de arte visual (não pelos meios utilizados mas pelo seu efeito), é «uma forma de visão que ensina a ver»². O que não significa que a poesia, a grande poesia, tenha ou deva ter uma vocação realista no sentido corrente, mas sim que a imagem poética dá sempre a ver *mais* realidade, que a poesia é uma espécie de *cognitio sensitiva* ou possui um poder sensível (não intelectual, não conceptual) de revelação ontológica ou, se se preferir, cosmológica. «Toda a grande poesia é uma cosmologia»³: o contrário do estetismo. Por exemplo a poesia de Ruy Belo é sobretudo uma poesia do quotidiano, mas não do quotidiano imediato, antes de dimensões ocultas nessa imediatez e que as imagens poéticas fazem transparecer: o real para lá do real. Nisso consiste a visão poética, o olhar visionário do poeta: em ver «através» da realidade, em distanciar-se do senso comum do real por fidelidade à própria realidade⁴. Mas esse olhar especial, essa forma de visão que a poesia é, só é possível nas palavras e como um olhar delas ou um efeito delas, como um efeito da linguagem poética. A poesia é fundamentalmente linguagem, um certo jogo de lingua -

¹ O próprio poeta reconhecia a dívida da sua poesia para com o cinema. Cf. RUY BELO, *Na Senda da poesia* (1969), reed. *Obra poética* 3, Presença, Lisboa, p. 92.

² *ibidem* p. 19, cf. p. 251.

³ *ibidem* p. 20. «É lícito entender a poesia como uma forma de conhecimento (...) Mas os conceitos, em arte, têm de se humilhar perante o valor material da palavra e sujeitar-se à acção da metáfora, do símbolo e mesmo do mito»: a poesia como cognição não discursiva, por imagem (*ibid.*)

⁴ Cf. *ibidem* pp. 17, 250.